

## O PRINCÍPIO DA INDIVIDUAÇÃO E O *BILDUNGSROMAN* EM *O HOBBIT*, DE J. R. R. TOLKIEN

Gustavo Vargas Cohen (PPGL/UFRR)  
gustavocohen.ufrgs@yahoo.com

**Resumo:** A historiografia literária do romance *O Hobbit* de J. R. R. Tolkien aponta uma série de influências míticas instrumentais para a gênese textual deste que tem sido descrito como um dos marcos mais celebrados da literatura infantil e juvenil do século XX. Publicado em 1937 - e revisado pelo próprio autor em 1951 para acomodar mudanças que o alinhariam para tornar-se o antecessor da trilogia *O Senhor dos Anéis - O Hobbit* tem como um dos temas principais o crescimento moral e o amadurecimento de seu protagonista, Bilbo Baggins. Enquadrando-se tanto na tradição clássica de um *bildungsroman* como na de uma jornada de aventuras, o livro traz a relação quase parental do mago Gandalf com Bilbo refletindo a partir dela o conceito jungiano de individuação. O objetivo deste estudo é analisar o protagonista homônimo à obra por meio do *principium individuationis* de Carl Jung, isto é, desvelar a maneira na qual Bilbo progressivamente se auto-define em contraste aos demais personagens e aos outros elementos do mundo fantástico de Tolkien. Conclui-se que o profundo conhecimento acadêmico do autor sobre filologia germânica, mitologia nórdica e contos de fadas, bem como suas experiências na Primeira Guerra Mundial, contribuem diretamente para a evolução do hobbit de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação e ampliação de sua consciência, que faz com que o mesmo se identifique mais com as orientações emanadas de seu próprio *self* do que com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra.

**PALAVRAS CHAVE:** J. R. R. Tolkien; *O Hobbit*; Princípio da Individuação; *Bildungsroman*.

### Introdução

[...] the “*principium individuationis*”, the notion of that identity which at death is or is not lost forever was to me at all times a consideration of intense interest [...]\*

A historiografia literária do romance *O Hobbit* de J. R. R. Tolkien aponta uma série de influências míticas instrumentais para a gênese textual deste que tem sido descrito como um dos marcos mais celebrados da literatura infantil e juvenil do século XX. Publicado em 1937 - e revisado pelo próprio autor em 1951 para acomodar mudanças que o alinhariam para tornar-se o antecessor da trilogia *O Senhor dos Anéis - O Hobbit* tem como um dos temas principais o crescimento moral e o amadurecimento de seu protagonista, Bilbo Baggins.

Enquadrando-se tanto na tradição clássica de um *bildungsroman* como na de uma jornada de aventuras, o livro traz a relação quase parental do mago Gandalf com Bilbo refletindo a partir dela o conceito jungiano de individuação. Outrossim, o objetivo deste estudo é, de maneira sucinta, analisar o protagonista homônimo à obra por meio do

*principium individuationis* de Carl Jung, isto é, desvelar a maneira na qual Bilbo progressivamente se auto-define em contraste aos demais personagens e aos outros elementos do mundo fantástico de Tolkien.

### **1. O *principium individuationis* de Jung**

De acordo com um glossário de termos jungianos (AROPA, 2013) o termo *individuação* trata de um processo complexo de síntese do *self* que consiste principalmente da união do inconsciente com o consciente. Na notável e extensa obra do psiquiatra e psicoterapeuta suíço fundador da psicologia analítica, o termo implica uma experiência “filosófica, espiritual e mística” (JUNG, 1989b, p. 294). Individuação é a meta de nosso desenvolvimento psicológico e, em termos metafísicos corresponde a “encarnação de Deus” (JUNG, 1989b, p. 157). Em suma, *individuação* é “conceito central e o propósito da psicologia analítica jungiana” (JUNG, 1989a, p. 209). Sua origem remonta a Nietzsche que por sua vez busca Schopenhauer por orientação e inspiração.

Jung usa o termo *individuação* enquanto um processo para fundamentar sua interpretação de sonhos. Diferentemente de Freud, que via a interpretação de sonhos do nível do objeto, isto é, de acordo com o relacionamento entre o indivíduo que sonha e as pessoas e situações que existem em sua vida real, Jung enxerga o sonho do nível do sujeito, isto é, ele leva em consideração o fato de que os sonhos revelam, de maneira simbólica, alguns traços da vida psicológica do indivíduo ou de suas transformações psicológicas internas. Desta maneira, o sonho é visto como um indicador daquelas mudanças que, por vezes, apontam para o processo que ele chama de *individuação* (AROPA, 2003).

O processo de *individuação* revela a verdadeira personalidade de uma pessoa e o faz indivíduo. Geralmente, a *individuação* traz um “profundo processo de cura na pessoa” (JUNG, 1962, p. 433), ela se torna harmoniosa, calma, madura e responsável; se sente e age como um pai para o resto da humanidade; protege e promove os ideais da vida, da liberdade e da justiça; reúne e acumula conhecimento e passa a ter uma profunda compreensão da natureza humana e do universo (PETRIDIS, 2008).

Jung postula que “*individuação* significa tornar-se um in-divíduo” (no sentido de ser impraticável sua divisão) sendo que nossa individualidade abraça nosso íntimo, incomparável e derradeiro *self* (JUNG, 1966, p. 266). Entende-se por *self* “um fator de orientação íntima, diferente da personalidade consciente [...] [e] é um centro regulador, um centro que causa um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade” (JUNG & FRANZ, 1993, p.

162). Além disso, Jung chama de *creatura* àquelas entidades governadas pelo *principium individuationis* que, por natureza, são criaturas dionisíacas capazes de se distinguirem de seus ambientes, assim como do eterno, e da “primitiva, perigosa *mesmice*” (DOUGHTY, p. 14 apud SINGER, 1973, grifo nosso).

Muitas teorias sobre a psique humana presumem que esta *mesmice*, esta igualdade de experiências do cotidiano dos seres humanos em geral apresentam uma correspondência identitária no quesito intenções, pois até mesmo a noção de individuação inclui esta correspondência no que tange o “desenvolvimento *de* um estado de imersão e falta de individualidade *para* um estado de ser marcado individualmente por integridade e distinção” (GRAY, 2008, p. ix).

O conceito jungiano, bem como suas interpretações por diferentes estudiosos, pode ser utilizado como referencial teórico para analisar o protagonista de *O Hobbit*, Bilbo Baggins, visto que o mesmo sofre uma transformação tão transparente ao longo de sua jornada que seu processo de individuação se faz aparente sem muito esforço.

A questão do crescimento enquanto cultivo é encontrada cedo no livro. Primeiramente quando se menciona o café-da-manhã, refeição de extrema importância para um Hobbit. O narrador explica que o desjejum serve não apenas para ajudar um Hobbit a acordar, mas também para certificar-se que ele está pronto para encarar um longo dia pela frente, um dia que possivelmente passará dedicando ao trabalho no campo para cultivar mais alimentos no intento de sustentá-lo para que possa cultivar ainda mais alimentos (TOLKIEN, 2006). Outro exemplo de cultivo se encontra na erva para o cachimbo. Gandalf e os anões que fumam cachimbo sabem bem que a erva específica de qualidade é cultivada apenas no *Shire*, lar dos hobbits.

A ideia do cultivo cíclico de hortaliças, legumes e verduras também se reflete na rotina diária dos hobbits. Criaturas de hábitos regulares, eles possuem uma série de regras que regulam suas condutas cotidianas. Um exemplo é a ocasião em que as visitas devem passar a noite, para tanto, o indivíduo deve respeitar a rotina de seu anfitrião, bem como fazer todo o esforço para aderir a seu cronograma, deitando-se a noite e levantando-se pela manhã no horário usual do dono da casa. Ao mesmo tempo outra regra sugere que um Hobbit não deve ficar tão preso a sua rotina a ponto de negligenciar visitas e atenção a seus pais (TOLKIEN, 2006).

Para o hobbit Bilbo Baggins, a quebra da rotina se dá com a visita de treze anões e do mago itinerante Gandalf. Ao aceitar o convite para a aventura Bilbo tem consciência de que existem ameaças e perigos reais fora do *Shire*, o que ele não sabe no início é o quanto sua

competência para enfrentar e superar estes perigos crescerá exponencialmente durante sua peregrinação a *Lonely Mountain*, lar do temível dragão Smaug.

Os medos de Bilbo sobre a insegurança que existe fora dos limites do *Shire* é bem-fundada visto que não muito longe de casa ele encontra três *trolls* que querem comê-lo. Com ou sem a presença do sábio Gandalf – o personagem que mais se aproxima de uma figura paterna para Bilbo – o pequeno herói ainda assim se encontra em risco real. O interessante é que Gandalf aparece e desaparece uma série de vezes durante sua longa peregrinação até o monte Erebor. Como na vida real, a figura do pai, ou responsável, não pode estar presente em todos os momentos do processo de crescimento e amadurecimento dos filhos. Pode até mesmo afirmar-se que o próprio Gandalf passa por um processo de amadurecimento durante sua jornada no mundo de Tolkien passando ele mesmo da condição de um mago cinza para um mago branco, caracterizando e culminando em seu próprio processo de individuação.

Outra característica significativa do conceito de individuação envolve uma imensa transformação que, para Gray, implica “em um afastamento da dominação do inconsciente, do consciente, do simbólico e do imaginário, através do falo” (2008, p. 154). Na caverna dos trolls que tentaram comê-los, Bilbo e seus colegas de peregrinação encontram espadas que usariam até o fim de sua viagem. Quando levada em consideração a totalidade do tempo da narrativa, e considerado o tempo de vida regular de um indivíduo, este episódio se encontra aproximadamente no mesmo momento em que se dá o estágio de descoberta da sexualidade na puberdade. O encontro das espadas, com sua tradicional associação simbólica ao falo, pode representar o primeiro contato de Bilbo com sua sexualidade latente.

Assim como Tolkien mostra a descoberta de Bilbo sobre o mundo adulto, ele coroa sua obra com a consciência de que o hobbit não é um com o ambiente onde vive, e sim está inserido nele. As palavras finais de Gandalf certificam que Bilbo é apenas uma pequena criatura de um mundo maior.

## **2. O *Bildungsroman* do Século XX e o Hobbit**

O termo *Bildungsroman*, ou *romance de formação*, permanece uma das contribuições mais celebradas, embora por vezes destrutada, das Letras germânicas para o vocabulário internacional dos estudos literários. Possivelmente mais do que qualquer outro gênero do reino das narrativas ficcionais longas – como o romance picaresco, o histórico, ou o de maneiras – o valor heurístico do *Bildungsroman* tem sido contestado, defendido e, por vezes, mal compreendido. Para Boes (2006), o termo, especialmente em Departamentos de Inglês e

Literatura, tem sido usado de maneira tão ampla que praticamente qualquer romance (e em casos extremos até versos épicos, como *The Prelude* de Wordsworth) pode ser subsumido pelo mesmo. Já Fredric Jameson dispensa o termo *Bildungsroman* como sendo uma “forma natural [...], precisamente um exemplo do tipo de raciocínio não-histórico que sua própria crítica dialética objetiva subjugar” (1981, p. 145). E Marc Redfield, em suas incursões intelectuais sobre o gênero, faz uso da premissa titular de que *Bildungsroman* é uma *formação fantasma*, ou seja, um mero construto da ideologia estética (1996).

Controvérsias a parte, a literatura de nosso século continua satisfazendo seus leitores com exemplos literários que marcam a contínua relevância do *bildungsroman* mesmo em circunstâncias históricas tão distintas daquelas que marcaram sua época de ouro, o século XX. O potencial do gênero em considerar questões sobre o desenvolvimento da subjetividade de um indivíduo (ficcional) incorporado em um determinado *milieu* social permanece tão atual hoje como o foi durante sua emergência no período Modernista quando escritores ingleses, irlandeses e de outras nacionalidades respondiam criticamente a seus precursores do século XIX. Mesmo em transformação, o gênero continua levantando questões acerca do que constitui a liberdade e o que significa ser humano.

No universo literário anglófono, escritores como James Joyce, Thomas Hardy, D. H. Lawrence, Oscar Wilde e Virginia Woolf são figuras centrais no estudo deste gênero. Teóricos como o alemão Theodor Adorno dedicaram considerável atenção ao *bildungsroman* Modernista e sua respectiva negatividade dialectal que envolve, essencialmente, situar-se em mais de um lugar durante um processo auto-definidor que compreende observação participante e que evita perspectivas totalizantes e pressões institucionais para conformidade (ADORNO apud CASTLE, 2006).

*O Hobbit* de Tolkien enquadra-se imediatamente em situação de negatividade dialectal no sentido de que se desloca de um lugar para outro constantemente, como acontece com Bilbo em sua longa jornada desde seu lar no *Shire* até o monte *Erebor*, seu destino (em conformidade com a tradição episódica clássica de histórias de aventura). Além do mais, Bilbo vive consciente e inconscientemente um processo de auto-definição à medida que vive uma experiência que moldará seu caráter para sempre. Sua jornada compreende, no entanto, muito mais do que uma observação participante dado que, gradualmente, Bilbo se torna mais ativo e, cada vez mais durante a narrativa, toma para si a responsabilidade por sua própria vida e pela vida seus companheiros. O progresso e o desenvolvimento de sua *persona* o fazem evitar perspectivas totalizantes – mesmo passando por momentos de dúvida (consideradas suas *falhas*) que, por vezes, nublam sua visão e colocam em cheque seu poder de tomada de

decisões – especialmente com a recém-adquirida visão, bem como renovada virtude de iniciativa e coragem que lhe são concedidas por intermédio de sua relação com o anel encontrado. Anel este que lhe traz a atitude e determinação suficientes para resistir às variadas pressões infligidas por seus companheiros, por seus inimigos e por sua missão.

As falhas supramencionadas podem ser comparadas às falhas do protagonista do texto Modernista que extenua sua meta de atingir uma auto-integração harmoniosa (RIQUELME, 2008). Riquelme exemplifica a ênfase na falha do protagonista Moderno apontando para Samuel Beckett em sua dinâmica auto-corretiva que não se dilui em razão de sua própria tendência em decorrer em inautenticidade. Bilbo certamente alcança sua finalidade e percebe sua auto-integração de maneira pouco harmoniosa. Os percalços no decorrer de sua peregrinação lhe trazem muita angústia, mas nunca resignação.

Instantes antes de sua morte, Thorin, um dos anões companheiros de Bilbo – o que seria herdeiro do ouro de Smaug – o chama de criança do Oeste gentil, uma referência à qualidade de Bilbo na ocasião em que Thorin o conheceu: ingênuo, inexperiente, inseguro. No entanto, naquele momento final, ele reconhece em Bilbo também coragem e sabedoria dosados em equilíbrio, características adquiridas ao longo da aventura compartilhada.

Na volta para casa, Bilbo demonstra ter adquirido uma consciência perante a partilha do ouro de Smaug. Bilbo confirma as palavras de Thorin quando este o chamara de sábio por meio de sua decisão em não aceitar uma parte maior do que lhe é devido conforme lhe foi oferecido. Ele afirma querer levar para casa apenas aquilo que consegue carregar, pois agora entende que fortuna em excesso pode atrair guerra e mortes. Esta decisão reflete a consolidação da formação subjetiva de um novo hobbit.

### **Considerações Finais**

Tolkien escreveu a jornada de um herói, não somente em *O Hobbit*, mas em muitas de suas obras, como *Smith of Wooden Major* e *Farmer Giles of Ham* além do próprio *Senhor dos Anéis*. Entretanto, o autor não conjecturou suas estórias míticas diretamente a partir de Joseph Campbell, visto que *The Hero with a Thousand Faces* não seria publicado até 1949; sendo que *O Hobbit* foi publicado em 1937. O gênio de Campbell, entretanto, pode ser sentido na obra de Tolkien assim como em um vasto número de obras da literatura ocidental. Baseados nisso Archer, Francis e Gerke afirmam que “a jornada de um herói é a impressão digital do divino” (2012, p. 154). Se a busca pelo divino, pela religião, ou o *religare*, forem de fato a busca pelo crescimento, desenvolvimento e aperfeiçoamento pessoal, então certamente a

jornada de Bilbo reflete esta *impressão* tão única e ao mesmo tempo coletiva, o *principium individuationis*.

Percebe-se mais uma vez em *O Hobbit* o gosto apurado de Tolkien por línguas estrangeiras, mais especificamente por sons de origem germânica e nórdica – não é novidade que a perícia de Tolkien em filologia germânica e celta informam a sua pesquisa acadêmica (PHELPSTEAD, 2011). O nome do personagem Thorin, por exemplo, remete quase que explicitamente ao deus nórdico do trovão Thor (embora *thorin* signifique *daring*, ou ‘ousado’ em Nórdico Antigo). A predileção de Tolkien por personagens míticos ganhou corpo e celebridade com a publicação do ensaio chamado *On Fairy-Stories*, texto em que admite não ter conhecimento *profissional* de contos de fadas, mas que, de qualquer maneira, deixou um impacto profundo e duradouro no estudo científico dos contos de fadas.

É sempre perigoso afirmar com convicção que as experiências de vida de um autor estão refletidas em sua ficção. Tolkien não é tradicionalmente um escritor associado a Primeira Guerra Mundial, como por exemplo Siegfried Sassoon, Robert Graves ou Ernest Hemingway seriam, no entanto, as experiências de guerra de Tolkien (a)parecem sublimadas em sua obra. Elas vêm à tona e atingem a superfície do texto nas perdas que inundam suas estórias, nas paisagens lúridas e sinistras, e nos destinos de seus protagonistas.

Portanto, é possível admitir que o profundo conhecimento acadêmico do autor sobre filologia germânica, mitologia nórdica e contos de fadas, bem como suas experiências na Primeira Guerra Mundial contribuem diretamente para a evolução do hobbit de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação e ampliação de sua consciência – o típico processo de um *bildungsroman* –, fazendo com que o mesmo se identifique mais com as orientações emanadas de seu próprio *self* do que com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra.

## Referências

ARCHER, Peter, FRANCIS, Scott & GERKE, Jeff. *The Unofficial Hobbit Handbook*. Blue Ash, OH: Writer’s Digest Books, 2012.

AROPA - The Romanian Association for Psychoanalysis Promotion. *Glossary of Jungian Terms*. 2013. Disponível em: <<http://www.carl-jung.net/glossary.html>>. Acesso em: 14 abr. 2013.

BOES, Tobias. Modernist Studies and the Bildungsroman: A Historical Survey of Critical Trends. *Literature Compass*, Vol. 3, no. 2. 2006, pp. 230–243.

CASTLE, Gregory. *Reading the Modernist Bildungsroman*. Gainesville: University Press of Florida, 2006.

GRAY, Frances. *Jung, Irigaray, Individuation: Philosophy, Analytical Philosophy, and the Question of the Feminine*. New York: Routledge, 2008.

JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious: Narrative as a Socially Symbolic Act*. Ithaca: Cornell University Press, 1981.

JUNG, Carl Gustav. *Symbols of Transformation: An analysis of the prelude to a case of schizophrenia*. Vol. 2 (traduzido para o inglês por HULL, R. F. C.). New York: Harper & Brothers, 1962.

\_\_\_\_\_. *The Collected Works of C. G. Jung (1953-91)* READ, H., FORDHAM, M. & ADLER, G. (Eds.) (traduzido para o inglês por HULL, R. F. C.). Vol. 7, 2ª ed., Princeton: Princeton University Press, 1966.

\_\_\_\_\_. *Memories, Dreams, Reflections*. JAFFE, A. (ed.) (traduzido para o inglês por WINSTON, C. & WINSTON, R.). New York: Random House Inc., 1989a.

\_\_\_\_\_. *Psychology and Religion: West and East*. 2 ed. (traduzido para o inglês por HULL, R. F. C.). Princeton: Princeton University Press, 1989b.

\_\_\_\_\_. *O homem e seus Símbolos*. FRANZ, M. L. V. (ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

PETRIDIS, A. S. Jung's Individuation process. *The Jung Page: Reflections on Psychology, Culture, and Life*. Disponível em: <<http://www.cgjungpage.org/index.php>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

PHHELPSTEAD, CARL. *Tolkien and Wales: Language, Literature and Identity*. Cardiff: University of Wales Press, 2011.

REDFIELD, Mark. *Phantom Formations: Aesthetic Ideology and the Bildungsroman*. Ithaca: Cornell University Press, 1996.

RIQUELME, John Paul. Reading the Modernist Bildungsroman (Review). *James Joyce Quarterly*, Vol. 45, No. 2, 2008, pp. 359-362.

SINGER, June. *Boundaries of the Soul: The Practice of Jungian Psychology*. Garden City: Anchor, 1973.

TOLKIEN, J. R. R. *The Hobbit*. Londres: Harper Collins Publishers, 2006.